

“A PRAIA DOS MUNDOS SEM FIM”

Os encontros de Rabindranath Tagore com a América Latina

“THE SEASHORE OF ENDLESS WORLDS”: RABINDRANATH TAGORE’S ENCOUNTERS WITH LATIN AMERICA

Dilip Loundo*

Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

O artigo analisa os entraves civilizacionais que limitaram a compreensão da obra de Rabindranath Tagore na América Latina. Num primeiro momento, o artigo avalia o impacto da viagem de Tagore à América Latina em 1924 e as personalidades latino-americanas que ecoaram, em suas vidas e obras, o lirismo místico e o universalismo sócio-político-educacional do poeta bengali. Num segundo momento, o artigo debruça-se sobre alguns dos princípios que devem presidir a correta compreensão da obra de Tagore e o caso extraordinário da poeta brasileira Cecília Meireles enquanto adequação a tais princípios no diálogo que manteve à distância com o poeta laureado indiano.

PALAVRAS-CHAVE

Cecília Meireles, Tagore, *rasa*, bengali.

I

A personalidade e a obra de Rabindranath Tagore (1861-1941) constituem, por assim dizer, uma praia simbólica, um lugar privilegiado de convergência de polaridades as mais diversas: modernidade e tradição, Oriente e Ocidente, a Índia e o mundo, nacionalismo e transnacionalismo, urbano e rural, prosa e poesia, forma e conteúdo. Um desses nós de convergência transcorreu, por longo tempo, em meio a um silêncio denso que refletiu tanto uma incompletude cognitiva quanto uma disposição existencial amorosa rara. A relação entre Tagore e a América Latina é, talvez, um capítulo menor de uma biografia cheia de episódios dramáticos transcorridos nas altas esferas da literatura, da cultura, da educação e da política e numa geografia que envolvia predominantemente a Ásia e a Europa. Mas no que tange à dimensão vital de uma existência que se fez poeta e prosista de excelência, os poucos episódios de conexão com

* loundo@hotmail.com

a América Latina deram vazão ao deslançar de emoções e sentimentos que, elevados à condição nobre de experiência estética criadora, deixaram marcas significativas que permanecem ainda pouco estudadas. O mérito pioneiro de trazer à tona tais conteúdos existenciais vai para a poeta e pesquisadora bengali Ketaki Kushari Dyson e sua obra *In Your Blossoming Flower-Garden: Rabindranath Tagore and Victoria Ocampo*.

Em abril de 1941, poucos meses antes de sua morte, Tagore cantou, em suas *Últimas Palavras* (*Shesh Lekha*), a memória irretocável de sua única viagem à América Latina em 1924 e do personagem central que deu vida e sentido a um continente que de há muito habitava sua imaginação: a escritora argentina Victoria Ocampo (1890-1979), sua admiradora de longa data e personalidade central na divulgação da obra do escritor bengali na América Latina. No quinto poema da coletânea, Tagore canta:

Com amor intenso e desprendido
A amada se instalou em meu coração.
As palavras que murmurou
Me atrelaram a ela para sempre,
Ainda que me encontre a oceanos de distância.

Não conhecia sua língua.
Mas os olhos que falavam uma língua própria
Despertaram para sempre minha mente
Para uma mensagem simples, mas misteriosa.¹

Se, no poema acima, escrito no crepúsculo de sua vida, Tagore cantava a “sintonia do universal” (*sādhāraṇīkaraṇa*) e o “acordo de corações” (*hṛdaya-saṁvāda*),² na carta que enviou em 1924, logo após o retorno da Argentina, o escritor dava contornos civilizacionais ao impacto que a imagem de Victoria Ocampo, em seus diálogos bucólicos na Argentina de Santo Isidro, exercera em sua vida: “(...) Para mim, o espírito da América Latina permanecerá para sempre na minha memória encarnado no teu ser.”³

Quem era essa América Latina de Tagore e que expectativas cercaram a viagem memorável que empreendeu em 1924?

¹ “With love so earnest and extrinsic / The beloved who found a place in my heart / Forever shall keep me bound / The words she whispered, though oceans apart. / Her language I knew not / Her eyes that spoke a language of their own / Forever shall awaken in my mind / Their plaintive message, though unknown.” [tradução inglesa do original Bengali por Monish Chatterjee, citado em R. Chanda. “Tagore in South America: Some Perspectives”. In: <www.cs.brockport.edu/~smitra/chanda.html>]. Veja também a coletânea completa em inglês: TAGORE. *Shesh Lekha: The Last Poems of Rabindranath Tagore*. Esta e outras traduções em português de originais em inglês e em sânscrito foram feitas pelo autor.

² Na teoria estética de Abhinavagupta (aproximadamente 950-1020), o processo de “universalização” (*sādhāraṇīkaraṇa*) que singulariza a experiência estética corresponde a um “diálogo de corações” (*hṛdaya-saṁvāda*) consubstanciado num “sentimento de Unicidade” (*tanmayī-bhāvanā*). [“yeṣāṁ kāvyānuśīlanābhyāsavaśād viśadībhūte manomukure varṇanīyatanmayī bhavanayogyatā te svahṛdayasaṁvādabhājah saḥṛdayaḥ?”. ABHINAVAGUPTA. *Dhvanyāloka-Locana*, p. 38.

³ “For me, the spirit of Latin America will ever dwell in my memory incarnate in your person.” Citado em CHANDA. *Tagore in South America: Some Perspectives*.

Em entrevista à imprensa em 1925, pouco depois de seu retorno à Índia, Tagore afirmou que a visita à América do Sul havia sido motivada por um genuíno interesse comparativo de investigar as especificidades civilizatórias da América sulina *vis-à-vis* uma América do Norte que lhe era relativamente familiar.⁴ Tal desiderato estava prenhe de pressupostos e aproximações preliminares. Com efeito, ao aceitar o convite do governo do Peru para participar das comemorações do aniversário de sua independência, Tagore tinha em mente conhecer de perto as tradições e as geografias dos povos ameríndios da região andina e do México. Problemas de saúde que sobrevieram durante a primeira escala em Buenos Aires obrigaram o poeta a cancelar o restante da viagem. Para seu desconsolo inicial e felicidade de sua anfitriã e admiradora Victoria Ocampo, Tagore acabou permanecendo por cerca de dois meses na companhia da escritora argentina.

Durante esse período inesperado que daria as bases para o florescimento de uma relação extraordinária de dedicação, amor e respeito entre duas personalidades de heranças civilizacionais tão distintas, Tagore teve a oportunidade de se familiarizar, ainda que indiretamente, com as expressões artísticas e arquitetônicas dos incas, quéchuas, haidas, e tlingits que viriam a ter repercussões tangíveis nas manifestações plásticas do escritor.⁵

De forma geral, a América Latina que pululava a imaginação do escritor tinha traços significativos de continuidade estrutural com a dinâmica conformadora da sociedade colonial da sua Índia nativa. A idéia da América Latina como uma combinação *sui generis* de ameríndios e europeus evocava, legitimamente, na mente do escritor, uma solidariedade potencial, uma irmandade possível de colonialidades/pós-colonialidades: a Índia e a América Latina como nuances de criatividade civilizacional, antropofagias imaginativas, polaridades antípodas com relação a um ocidente que tanto invadiu quanto instigou mundos liminares, “sem fim” – um oriente e um extremo-ocidente – a se encontrar na praia simbólica da *poesis* estética do escritor. A coletânea *Purabi (Oriente)*, lançada em 1925 e dedicada a Victoria Ocampo – a quem carinhosamente chamava de *Bijaya*, tradução literal em bengali do prenome *Victoria* e variante do sânscrito *Vijaya* – inclui trinta poemas escritos durante sua estada na Argentina, que refletem tanto as intuições dessa “irmandade” quanto as dificuldades de se operar uma tradução civilizatória precisa. Diz o poeta no poema intitulado “Flor exótica”:

Flor exótica, murmuro sem cessar nos teus ouvidos.
Qual, afinal, a língua que tu falas?
Tu sorris e abanas a cabeça.
E, ao invés, são as folhas que murmuram.⁶

⁴ “I had long entertained a desire to visit South America and compare that continent with North America. My idea was to see what was the difference in the mentality of the people.” In: *Free Press of India*, July, 1925. Citado em CHANDA. R. Tagore in South America: Some Perspectives.

⁵ Cf. DYSON. On the Trail of Rabindranath Tagore and Victoria Ocampo.

⁶ “Exotic Blossom, I whispered again in your ear / What is your language, dear? / You smiled and shook your head / And the leaves murmured instead.” Tradução inglesa do original bengali por Monish Chatterjee, citado em CHANDA. Tagore in South America: Some Perspectives. Veja também a coletânea completa em inglês: TAGORE. *Purabi: The East in Its Feminine Gender*.

Não deixou de notar o poeta, com desapontamento, a atitude marcadamente eurocêntrica dos intelectuais que o visitaram durante a estada na Argentina.⁷ Tal desapontamento refletia, da parte de Tagore, tanto o desconhecimento das nuances específicas da colonialidade latino-americana, especialmente no que tange ao caráter constitutivo da matriz européia, quanto um insight extraordinário com relação às limitações das elites intelectuais argentinas de compreender a pulverização identitária que caracterizara a formação plural do continente latino americano (ameríndios, europeus e africanos).⁸ Não é difícil imaginar que essa constatação tenha levado o poeta à retrospectiva de sua própria condição de sujeito complexo, marcado pela diferença colonial, e alvo reiterado da crítica nacionalista que nele enxergava lampejos de subserviência e rendição à cultura ocidental. Afinal, tal como Victoria Ocampo, Tagore era também filho do cosmopolitismo que nascera colateral aos empreendimentos coloniais. “Se a elite [da Argentina] de Ocampo se voltava para a Europa, Tagore era igualmente herdeiro do Renascimento Bengali, um movimento deflagrado no contato entre as elites bengalis e os pensamentos e obras de europeus”.⁹ Entretanto, aos 61 anos de idade, Tagore achava-se na condição privilegiada de alguém que havia superado o falso dilema do antagonismo Ocidente-Oriente. Em artigo recente intitulado “History and the Post-Colonial: Rabindranath Tagore’s Reception in London, 1912-1913”, Michael Collins retoma enfaticamente essa importante faceta do pensamento de Tagore. Ele afirma:

Enquanto muitos dos críticos pós-coloniais continuam aderindo a esses binarismos rígidos, o que Tagore procurou foi um meio de criticar o ocidente sem o essencializar; i.e., ir além das divisões reducionistas oriente-ocidente e de justaposições simplistas do “si-mesmo” e do “outro”, “tradição” e “modernidade.” Tagore sentiu que os seus compatriotas, “ao tentarem combater os meios selvagens da Europa,” estavam simplesmente imitando seus piores aspectos. Ao invés disso, Tagore acreditava que tinha uma contribuição positiva a dar na promoção do desenvolvimento de uma modernidade global, que reformaria, ao longo do processo, tanto o ocidente quanto o oriente e que articularia, de forma balanceada, os melhores aspectos de ambos.¹⁰

⁷ Nas palavras de Ketaki Dyson, “He did not find intellectuals with whom he could hold a dialogue, who were interested in his ideas and ideals on education. He had expected to see a synthesis of native Amerindian and European cultures, but found a culture that was excessively dependent on Europe.” DYSON. *On the Trail of Rabindranath Tagore and Victoria Ocampo*. Este tópico é discutido em detalhes no capítulo onze do livro já citado de Ketaki Dyson, *In Your Blossoming Flower-Garden: Rabindranath Tagore and Victoria Ocampo*.

⁸ A enorme influência da imigração francesa e britânica na Argentina do final do século dezenove e começos do século vinte fazia dessa nação uma situação atípica no contexto da América Latina.

⁹ “If Ocampo’s class was Europe-oriented, then Tagore also, we must remember, was an offspring of the Bengal Renaissance, which was triggered off by the contact of the Bengali upper classes with European ideas and texts”. DYSON. *On the Trail of Rabindranath Tagore and Victoria Ocampo*.

¹⁰ “Whereas many postcolonial critics continue to adhere to these rigid binaries, what Tagore sought was a way to critique the West without essentialising it; that is, to move beyond reductive divisions between East and West, and simple juxtapositions of ‘self’ and ‘other’, ‘tradition’ and ‘modernity’. Tagore felt that his compatriots, “in order to withstand the ravaging inroads of Europe” were simply imitating its worst aspects. By contrast, Tagore believed that he had a positive contribution to make to the development of a global modernity, reforming and restoring both East and West, in balance, by drawing on the best aspects of each.” COLLINS. *History and the Post-Colonial: Rabindranath Tagore’s Reception in London, 1912-1913*, p. 80.

Em suma, as intuições de Tagore sobre o potencial de irmandade pós-colonial entre a América Latina e a Índia lograram, em meio às limitações cognitivas do poeta a respeito da realidade concreta da região, uma traduzibilidade existencial plena na relação profunda e duradoura com Victoria Ocampo. Em que medida esse potencial de irmandade pós-colonial favoreceu a assimilação da obra de Rabindranath Tagore entre a intelectualidade literária da América Latina?

II

A julgar pela situação presente, podemos afirmar com segurança que o potencial visionado pelo poeta permanece na condição frustrante de uma mera “potência.” Houve, por certo, contribuições significativas no período que vai da década de 30 à década de 60. Mas, de forma geral, e em que pese algumas raras e notáveis exceções, essas contribuições pecaram pela falta de sistematicidade, aprofundamento e especialização. Como conseqüência, a obra de Tagore tornou-se vítima sistemática (i) de uma superficialidade sublitéria marcada pelo esteriótipo desmesurado do “místico” e do “espiritual” encantado, tão caro às fantasias ocidentais; (ii) de uma reversão de expectativas, de um desencanto que conduziu a uma depreciação igualmente desmesurada, que beirou as raias do insulto e da ignomínia; e (iii) de um esquecimento inexplicável para uma personalidade cuja importância no contexto continental da língua bengali (a Índia e Bangladesh, em especial) assume proporções semelhantes ao papel desempenhado por um Shakespeare, por um Goethe, por um Cervantes, ou por um Machado de Assis.

Refletindo, mimeticamente, as excrecências do processo de assimilação ocorrido na Europa e nos EUA, a postura latino-americana de esquecimento e de depreciação gradativas tem seu clímax bizarro nas palavras do escritor argentino Jorge Luis Borges, que, ironicamente, foi, um colaborador assíduo do periódico *Sur*, fundado por Victoria Ocampo em 1931: Tagore, afirma ele se referindo à concessão do Prêmio Nobel de 1913, foi “um trapaceiro da boa-vontade ou, se preferirem, uma invenção sueca.”¹¹ A afirmação, possivelmente marcada pelo ressentimento de um autor injustamente ignorado pela academia sueca, encerra uma enorme ironia. Como bem lembra o escritor costa-riquenho Alfonso Chacon, existe uma conexão íntima entre as inovações tagoreanas que levaram à erosão das fronteiras entre poesia e prosa e ao desenvolvimento de uma pós-colonialidade crítica e criadora, por um lado, e o surgimento do chamado boom da literatura latino-americana e seu realismo mágico tão bem representado por Borges, por outro. “É no mínimo curioso,” afirma Chacon, “ouvir de alguns críticos a acusação de que escritores indianos contemporâneos tenderiam a imitar correntes latino-americanas como o ‘realismo mágico’ de Gabriel Garcia Marquez, quando, na realidade, mesmo

¹¹ “(...) un tramposo de buena fe, una invención sueca”. Citado em PRIETO, J. & MOLACHINO. J. *Borges ante El Espejo*, p. 150.

que em alguns casos de forma inconsciente, eles empreendem um retorno à figura maior do cenário literário indiano,” isto é, Tagore.¹²

A ignorância que dominou o processo de assimilação da obra de Tagore na Europa e nos EUA – fascinação / rejeição / esquecimento – tem sido objeto de importantes considerações críticas. A desmesura dos estereótipos do “místico oriental” que transbordavam no espiritualismo abstrato de um *Gitanjali*,¹³ recriado aforisticamente em traduções redutoras, deram o tom de insustentabilidade de um projeto que ignorava não só as nuances específicas do texto original em seu viés civilizacional, mas também a totalidade das expressões da vida de um homem que transformou sua cultura/língua-mãe (o bengali) através do romance, do conto, da poesia, da crítica literária, das artes plásticas e da música; e de um homem que projetou uma idéia de nação que repensava positivamente as articulações entre as regionalidades tradicionais, a unidade política pan-indiana, e as heranças de um mundo colonial que tornou inexorável a mundialização das relações humanas.

Do viés civilizacional ignorado, destaco três componentes fundamentais. O primeiro é a necessidade de traduções a partir dos originais em Bengali a implicar, da parte dos tradutores, uma imersão mais séria na civilização do subcontinente indiano e nas especificidades da cultura bengali num momento de extraordinárias transformações.¹⁴ A tradução do *Gitanjali* e das obras que se lhe seguiram na língua espanhola e portuguesa – fonte primária de acesso a Tagore para os escritores latino-americanos – por exemplo, Zenobia Camprubí de Jiménez e seu marido, o poeta Juan Ramón Jiménez, para a língua espanhola; e Guilherme de Almeida, Bráulio Prego, Gasparino Damatta, Plácido Barbosa, Raul Xavier, e Cecília Meireles para a língua portuguesa – foram feitas a partir de traduções em inglês do original em bengali, algumas destas reconhecidamente espúrias.

O segundo componente reside na necessidade de compreensão do eixo existencial-ontológico que, em contraposição às tendências polarizadores do individualismo ocidental, permeia a civilização do subcontinente indiano, ou seja, a noção polissêmica de *dharma*. Em seu artigo intitulado “Village and the World: A Political Reading of Rabindranath Tagore’s Prose Fiction”, Christine Marsh analisou, nos seguintes termos, a dinâmica narrativa dos personagens dos principais romances de Tagore:

¹² “It seems funny then to hear some literary critics browbeat some current Indian writers, accusing them of imitating Latin American styles like Gabriel Garcia Marquez’s ‘magic realism,’ without realizing that, to a certain extent, they are just returning to India’s greatest literary figure.” CHACON. *The Forgotten Stone: On Rabindranath Tagore and Latin America*.

¹³ Coletânea poética de Tagore, que abriu as portas do poeta para a Europa e que justificou, em grande medida, a concessão do Prêmio Nobel de 1913. O original em bengali, publicado em 1910, contém 157 poemas, enquanto a versão em inglês, publicada em 1913, contém 52 dos 157 poemas do original em bengali e mais 51 poemas retirados de outras coletâneas do autor, totalizando 103 poemas. A primeira tradução para português, intitulada *A oferenda lírica*, foi vertida do texto em inglês e publicada em 1914 no Rio de Janeiro com tradução de Bráulio Prego.

¹⁴ O Renascimento Bengali foi um movimento de reforma social ocorrido na região de Bengala durante o regime colonial britânico durante o século dezanove e início do século vinte. Foi um período marcado por grandes personalidades nas esferas da religião, do pensamento social, do nacionalismo político, da literatura, da ciência, do jornalismo. De Ram Mohan Roy (1772-1833) a Rabindranath Tagore, a atuação dessas personalidades criou as bases para o desenvolvimento de uma modernidade indiana em sintonia com as tradições de uma civilização muito antiga.

Os romances conduzem o leitor ocidental por dentro do conceito indiano de *dharma*, como o meio através do qual o indivíduo, marcado por uma rede de relações com os outros, adquire uma existência concreta. O conceito de *dharma* é crucial para compreender a sociedade e a cultura indianas tradicionais e para interpretar a grande maioria das obras de Tagore. Do mapeamento feito por [Patrick] Hogan das diversas formas de *dharma*, podemos compreender a dinâmica dos conflitos existenciais gerados pelas oposições circunstanciais entre o *dharma* da inserção comunal ao nascimento (*varṇa*), o *dharma* de inserção num estágio de vida específico (*āśrama*) – e.g. o *dharma* da mulher-esposa – e o *dharma* universal relativo aos princípios éticos humanos que podem eventualmente preponderar sobre os demais.¹⁵

O terceiro componente civilizacional que potencializa a compreensão do sentido da obra de Tagore constitui, num certo sentido, a chave mestra, a síntese de todos os demais requisitos. Em suas principais obras críticas sobre a natureza e a teleologia do fenômeno criativo – *Literatura* (*Sahitya*, de 1907), *No caminho da literatura* (*Sahityer Pathe*, de 1936) e *A natureza da literatura* (*Sahityer Svarūp*, de 1943) – Tagore instrui o leitor sobre o horizonte estético que deverá subsumir a apreciação de sua própria obra. Na dedicatória da obra *No caminho da literatura*, Tagore revela seu conceito de poesia (e, nesse sentido, de toda a literatura), emprestado do grande crítico literário Viśvanātha Kavirāja (século quinze, aproximadamente) em sua obra sânscrita *O espelho da literatura* (*Sāhitya Darpaṇa*): “A Poesia é linguagem (comprometida) com a produção de *rasa* (experiência estética).”¹⁶ A adesão tagoreana aos fundamentos da estética sânscrita tal como propostos por Bharatamuni (século II, aproximadamente), em seu *Tratado sobre Artes Performáticas* (*Nāṭyasāstra*), e por Abhinavagupta (século X, aproximadamente) em seu conhecido comentário ao *Nāṭyasāstra*, intitulado *Abhinavabhāraṭī*, desdobra-se, coerentemente, em dois momentos do ciclo hermenêutico: (i) a experiência de *rasa* (experiência estética) do artista, que viabiliza o surgimento da obra de arte; e (ii) e o esforço do leitor qualificado de replicar em si mesmo essa experiência fundamental enquanto degustação prazerosa, purificação estético-ritual das emoções cotidianas e vivência do universal (*sādhāraṇīkaraṇa*). Nas palavras de Tagore, em seu ensaio “Unidade Criativa” (“Creative Unity”), a experiência estética de *rasa* “libera o ser individual de seu confinamento dos fatos do cotidiano e confere a suas asas crescentes a liberdade do universal; esta é a função da poesia.”¹⁷ Essa “comunidade de corações” (*hṛdayasaṁvāda*) que se estabelece entre o escritor e o leitor é definida por Tagore, na obra *Sahityer*

¹⁵ “The novels take the Western reader further into the Indian concept of ‘dharma’, as the means by which the individual in relationship with others can become a practical reality... The concept of dharma is crucial to understanding traditional Indian society and culture, and for interpreting much of Tagore’s writing. From Hogan’s outline of the various forms of *dharma* one can see that there can be conflicts between an individual’s birth or caste dharma, their stage of life dharma, such as wifely duty, and universal dharma relating to human ethical principles, which can override all others.” MARSH. *The Village and the World: A Political Reading of Rabindranath Tagore’s Prose Fiction*.

¹⁶ “Vākyam rasātmakam kāvyam.” Viśvanātha Kavirāja. *Sāhitya Darpaṇa*. I.23. < www.sanskrit.nic.in/DigitalBook/S/Sahityadarpan.pdf >].

¹⁷ “To detach the individual idea from its confinement of everyday facts and to give its soaring wings the freedom of the universal; this is the function of poetry.” Citado em BHATTACHARYA. *Tagore’s Conception of Literature*.

Svarup, como co-participação na universalidade do Ser. “Os fundamentos da literatura,” afirma ele, “são eternos. Em outras palavras, as regras conducentes à experiência estética são dimensão integral da natureza humana. (...) A expressão [artística] das emoções humanas é fonte permanente de alegria”.¹⁸ Mais adiante, justificando a sobredeterminação do princípio de *rasa* (experiência estética) *vis-à-vis* a forma do poema (seja ele métrico ou prosaico), ele afirma: “A essência da poesia é a experiência estética (*rasa*); a métrica só de forma incidental constitui fator indicativo em sua direção”.¹⁹ Em seu estudo lapidar sobre a prevalência arquetípica dos princípios estéticos de *rasa* na obra de Rabindranath Tagore, intitulado “The Psychology and Aesthetics of Love; *śṛṅgāra*, *bhāvanā*, and *rasa-dhvani* in the Novel *Gora*”, Lalita Pandit é taxativa no que tange à desconsideração, ou ignorância, da crítica com relação aos princípios determinantes que deveriam, de forma global, condicionar a avaliação pontual das narrativas e seus personagens. Ela afirma:

Embora largamente ignorada, a estética tagoreana fundamentada nas emoções [ou melhor, numa proposta de contemplação das emoções] está firmemente assente na poética tradicional sânscrita das emoções, mais conhecida como teoria de *rasadhvani*. Afirmar isso não implica em dissociar o poeta das circunstâncias particulares de seu momento histórico. Tagore foi, em toda a plenitude de seu ser, um homem de seu tempo e de sua época. Ele se apropriou de idéias e motivos, formas e frases dos cânones da língua inglesa e dos escritores do renascimento bengali. E, ainda assim, os autores sânscritos foram seus precursores da mesma forma que gregos e romanos foram precursores de Shakespeare, A relação entre Tagore e Kalidasa pode ser, assim, comparada à relação entre Shakespeare e Ovídio.²⁰

III

De posse do receituário acima proposto, voltemos à América Latina e analisemos rapidamente as contribuições significativas que, em adição à centralidade da figura de Victoria Ocampo, ajudaram na disseminação da obra de Tagore, com destaque para aqueles que, na contramão da tendência generalizada de emulação de um perspectivismo europeu prejudicado, lograram explorar, mesmo que de forma preliminar ou meramente intuitiva, as potencialidades dessa irmandade pós-colonial entre a Índia e a América Latina, imaginada pelo escritor bengali. É bom lembrar que o período da única visita de Tagore à América Latina coincide com a situação do pós-Primeira Grande Guerra quando

¹⁸ “The fundamentals of literature are eternal, i.e., the rules guiding the enjoyment of *rasa* are integral to human nature itself... Expression of human emotions is a source of eternal joy.” Citado em BHATTACHARYA. Tagore’s Conception of Literature.

¹⁹ “The essence of poetry is *rasa*; the metre only incidentally points towards that *rasa*.” Citado em BHATTACHARYA. Tagore’s Conception of Literature.

²⁰ “Though largely unrecognized, Tagore emotion-based aesthetics is grounded the traditional Sanskrit poetics of emotion, the *rasadhvani* theory. To say this is not to dislocate the poet from the particularity of his historical moment. Tagore was very much a man of his time and age, drawing ideas and motifs, forms and phrases from the English canon and from the writers of Bengali Renaissance. Yet the Sanskrit writers were his precursors in the same way in which the Greeks and the Romans were Shakespeare’s precursors. Tagore’s relation to Kalidasa, for example, is comparable to Shakespeare’s relation to Ovid.” PANDIT. The Psychology and Aesthetics of Love; *śṛṅgāra*, *bhāvanā*, and *rasa-dhvani* in the Novel *Gora*, p. 141.

a intelectualidade latino-americana lutava contra seus próprios fantasmas: a Europa “civilizada,” modelo de adesão irracional, entrava em colapso. Vozes se erguiam clamando pela necessidade da criação de modelos próprios, mais enraizados na história plural da própria América. A presença de Tagore, o primeiro autor não europeu a receber o Prêmio Nobel, representava um símbolo das potencialidades culturais e intelectuais dos espaços periféricos e da possibilidade de uma superação criativa dos constrangimentos coloniais. A Índia de Tagore trazia a esperança de uma América Latina possível, dona de singularidades e identidades próprias como alternativa aos investimentos fracassados nos sonhos alheios.

A contribuição de Victoria Ocampo para a disseminação da obra de Tagore na América Latina teve um caráter singular. A profundidade da relação existencial, cujo caráter presencial se reduziu a dois únicos encontros – o primeiro, em 1924, durante a estada do poeta em Buenos Aires, e em 1930, durante a exibição dos quadros de Tagore, organizada por Victoria Ocampo – está estampada numa extensa troca de correspondência²¹ e nos escritos da autora argentina sobre Tagore. Dentre estes, destacamos os seguintes: (i) o livro *Tagore en las barrancas de San Isidro*; (ii) e as referências diversas consignadas nos seus *Testemonios* (10 vols.), cuja grande maioria foi publicada pela Editora *Sur* (1933-1977). Pablo Neruda (1904-1973) e Gabriela Mistral (1889-1957), ambos recebedores do prêmio Nobel de Literatura, foram grandes admiradores de Tagore. Mistral foi responsável por uma compilação da poesia de Tagore, na qual registrou comentários e glosas. Durante toda a sua via, ela manteve uma atitude de respeito e reconhecimento. Pablo Neruda, por outro lado, seguiu o modelo europeu da antinomia “fascinação” x “rejeição”. Sua obra juvenil *20 Poemas de Amor* está marcada pela fase do encantamento e contém claras influências de Tagore. Um dos poemas inclusos – “En mi cielo al crepúsculo” – constitui uma paráfrase do poema XXX, intitulado “Tumi Sandhyara Meghamala,” da coletânea tagorenana *O jardineiro (Maali)*. O não reconhecimento inicial do fato de se tratar de uma paráfrase de Tagore rendeu a Neruda a acusação de plagiador, que o acompanhou por longo tempo. Mas é talvez em Octavio Paz (1914-1998), outro poeta laureado da América Latina, que vamos encontrar uma proximidade mais acentuada com Tagore, mediada por uma apreciação mais ampla das matrizes civilizacionais que informam a tradição mexicana e a tradição indiana. Seu insight fundamental sobre sua própria condição privilegiada, enquanto um pós-colonial mexicano, para uma compreensão profunda da tradição indiana, reverbera em seu artigo intitulado “Los manuscritos de Rabindranath Tagore” – publicado na coletânea de ensaios *El signo y el Garabato* – e na obra *Vislumbres de la Índia*. No primeiro, Octavio Paz realiza um balanço do impacto inicial do poeta bengali na América Latina e ressalta o poder inerente de sua poesia como pilar de sustentação de um diálogo de grande potencial enriquecedor.

Se Victoria Ocampo foi imbatível em sua dedicação extremada ao escritor indiano, um gesto que perdurou por toda a sua vida, outra mulher, que jamais gozou de sua intimidade pessoal, poderia ser apontada como uma excepcionalidade rara no continente da América Latina no que tange à profundidade de seu conhecimento da obra de

²¹ Ver o estudo minucioso feito por Ketaki Dyson sobre a correspondência Tagore-Ocampo. DYSON. *In Your Blossoming Flower-Garden: Rabindranath Tagore and Victoria Ocampo*.

Rabindranath Tagore. Cecília Meireles (1904-1964), um dos maiores representantes do modernismo brasileiro, entabulou, ao longo de sua vida, um diálogo civilizacional com a Índia que marcaria sua obra de forma indelével. A contemplação ativa dos destinos paralelos de personagens indianos de “carne e osso”, em especial Mahatma Gandhi (1869-1948) e Rabindranath Tagore, deu-lhe indicações seguras da pertinência e da correção de uma lírica eminentemente filosófica, marcada por uma ascese espiritual que objetivava a positividade do *conhecimento do mundo*, jamais a evasão do mesmo. De Tagore, em particular, ela herdou indicações precisas sobre a exequibilidade de um verdadeiro ascetismo enquanto *contemplação lírica* das “belezas e crueldades” do mundo. Se isso é correto, o *lirismo filosófico* de Cecília Meireles constitui uma expressão das mais significativas de uma presença orgânica – e porque não dizer antropofágica? – do pensamento indiano na América Latina. E, quanto mais orgânica, mais difícil é reconhecê-la a olhos nus. Suas manifestações mais explícitas estão longe de esgotar a narrativa de um diálogo que permeia toda a sua obra.

O contato inicial com Rabindranath Tagore veio no bojo da participação de Cecília no grupo simbolista Festa, uma agremiação poética associada ao movimento modernista, que acentuava o caráter universalista, espiritualista e autotransformador da poesia e que tinha justamente dentre seus inspiradores maiores o poeta bengali de *Gitanjali* e de *O jardineiro*. São dessa época, marcada por uma atmosfera melancólica, monótona, abstrata e evasiva, as coletâneas *Nunca mais...* e *Poema dos poemas* (1923). Elas refletem as leituras introdutórias do lirismo místico de Rabindranath Tagore, na versão redutora das traduções européias. Tais leituras representavam os esforços preliminares de Cecília de navegar em águas profundamente marcadas por preconceitos e estereótipos orientalistas. Com o intuito, talvez, de se libertar das retóricas orientalistas e de afirmar afinidades através de um compromisso genuíno com uma circunstância e uma terminologia brasileiras, Cecília confessa que se viu compelida, em mais de uma ocasião, a rasgar de vez seus próprios manuscritos ao perceber neles reminiscências tagoreanas.

A rejeição do Tagore dos orientalismos teve, portanto, em Cecília um sentido completamente diferente da antinomia européia “fascinação” x “rejeição”. Enquanto que a rejeição européia tomou o estereótipo pela “coisa em si”, a rejeição de Cecília incidiu sobre as fantasias enquanto tais, de modo a viabilizar uma aproximação real, um diálogo efetivo com o poeta bengali. O despontar gradual de sua fase madura, caracterizada pelo afastamento do grupo Festa e por uma inserção mais efetiva no movimento modernista, corresponde ao crescimento exponencial de sua parceria à distância com Tagore, marcada por um aprofundamento e multidimensionalidade. Na crônica “Aniversário de Gandhi,” de 1961, Cecília exaltou os avatares contemporâneos da Índia milenar nos seguintes termos: “Tagore e Gandhi parecem, na verdade, resumir, entre 1920 e 1940, todas as virtudes passadas de seu povo, e representá-lo da maneira mais adequada para o início de uma vida nova, dignificada em liberdade e sabedoria. Para Tagore, Deus é uma experiência mística enquanto que para Gandhi Deus é a Verdade”.²² Uma passagem curiosa do poema “Elegia sobre a morte de Gandhi” escrito em 1948, dá testemunho do conhecimento

²² MEIRELES. *O que se diz e o que se entende*, p. 150.

detalhado que tinha sobre a controvérsia entre Tagore e Gandhi – viz., o universalismo teleológico de Tagore versus o nacionalismo instrumental de Gandhi – e o entendimento que tinha de que ambas as posturas constituíam expressões legítimas da diversidade que faz da Índia a civilização resiliente que conhecemos. Os versos em questão aludem à reação equânime de Gandhi com relação às críticas de Tagore às ações contestatórias de incineração de tecidos estrangeiros e à exortação ao uso alternativo de tecidos produzidos nas rocas de fiação tradicional. Em seu artigo “A grande sentinela”, Gandhi lembra ao poeta laureado que um pássaro – símbolo bucólico de alguns dos Upanishads e da poesia de Tagore – precisa de uma boa alimentação para poder entoar seu canto sublime.²³ O “canto sublime” simbolizava a perspectiva de longo prazo de Tagore, de um relacionamento harmonioso entre o Oriente e o Ocidente, ao passo que a “necessidade do alimento” simbolizava a exortação nacionalista de Gandhi para que se combatesse, de forma emergencial, a opressão estrangeira. Os versos de Cecília Meireles constituem uma paráfrase dramatizada das palavras de Gandhi: “Vós, Tagore, cantais como os pássaros que de manhã recebem alimento, / mas há pássaros famintos que não podem cantar.”²⁴

Conjunção rara dos imperativos por ela perseguidos – poesia, espiritualidade e educação – Tagore foi, acima de tudo, um guia existencial. Com apenas 22 anos, Cecília dedicou-lhe o poema “O diviníssimo poeta,” no qual extravasa os sentimentos que lhe afloram às vésperas da visita do grande lírico indiano à América Latina em 1924, que ocorreu de 3/11/1924 a 6/1/1925. O poema expressa uma tristeza inesperada diante da iminência da visita. Seria o temor de que a presença física do escritor bengali pudesse, de algum modo, desfigurar a visão criada por seus poemas, como sugere Krishna Kripalani, conhecido biógrafo do poeta?²⁵ O poema não confirma essa linha de interpretação. Ao contrário, um amor patético por Tagore faz despertar nela o temor de que “os tempos” e “os homens impiedosos” sejam incapazes de reconhecer sua grandeza, diante de sua súbita aparição em “carne e osso”.

É tu estavas perdido no prestígio glorioso da ausência...
Penso que vais aparecer... Meus olhos andam tristes...
Os tempos não têm clemência! Os homens não têm clemência!
E todos vão saber que vives, que és, que existes!...

Sofro porque eras o Todo-Longe, o Todo-Altura,
O Creador, que ninguém sabe como será...
É muito, é enormemente doloroso ser criatura...
Rabindranath! Rabindranath! Rabindranath!²⁶

Durante sua estada na América Latina, Tagore fez duas breves escalas no Rio de Janeiro. A primeira, em 4 de novembro de 1924, durante a viagem de navio para

²³ Citado em PRABHU e KALEKAR. *Truth Called Them Differently: Tagore-Gandhi Controversy*, p. 81.

²⁴ MEIRELES. Elegia sobre a morte de Gandhi, p. 1608-1611.

²⁵ KRIPALANI. *Across the Oceans*, p. 294.

²⁶ MEIRELES. O diviníssimo poeta, p.49.

Buenos Aires, e a segunda em 5 e 6 de janeiro de 1925, no retorno à Europa. Não há qualquer registro de encontro pessoal de Cecília Meireles com Rabindranath Tagore nessas duas ocasiões.²⁷ Num artigo que escreveu especialmente para o livro de homenagem ao centenário do nascimento do poeta, ela menciona rapidamente sua passagem pelo Brasil apenas para registrar que a visita foi “breve demais para ter suscitado a impressão devida.”²⁸ O artigo faz um breve histórico da influência literária de Tagore no Brasil e ressalta o entusiasmo com que as traduções de suas obras foram recebidas entre os intelectuais da época.

No que tange à educação, de centralidade inequívoca na obra de Cecília Meireles, a contribuição subliminar dos ideais de Rabindranath Tagore, de um compromisso ético de transformação espiritual do ser e de solidariedade para com o próximo, foi imensa. A face mais tangível desses ideais está estampada no projeto da Universidade de Shantiniketan no estado de Bengala: um espaço universalista que abarca tradição e modernidade, Oriente e Ocidente, e que assimilou os princípios éticos de uma construção nacional liberta dos nacionalismos mesquinhos. O envolvimento ativo de Cecília Meireles no debate sobre as políticas educacionais no Brasil é altamente tributário da experiência singular de Shantiniketan, como o comprovam, entre outros, (i) a publicação do artigo de Tagore intitulado “Uma universidade oriental” no livro de homenagem ao escritor indiano de 1961; (ii) e as crônicas que escreveu, intituladas “Rabindranath, pequeno estudante” e “Professores e alunos.” Quando, em 1953, Cecília empreendeu sua única viagem à Índia, ela lamentou profundamente as circunstâncias que a impediram de visitar Shantiniketan. Nas suas crônicas de viagem, ela cantou a universidade oriental com palavras tão convincentes que fica difícil acreditar que efetivamente ela jamais a visitou:

Ela [a Universidade de Shantiniketan] era – e continua a ser – como um símbolo, no meu coração. Fundada por um poeta – e um poeta que se chamou Tagore! – no princípio deste século – que havia de ser tão atordoante, – e sonhando realizar o “sítio de paz” (tradução literal de “Shantiniketan”) que o seu nome exprime, por meio de uma educação integral, intelectual, moral, artística e, ao mesmo tempo, ligada ao glorioso passado da Índia, à humildade contemporânea e a um futuro que se poderia sonhar fraternal, – tudo, nessa instituição, me chamava: origem, métodos, objetivos. (...) No entanto, aqui, a umas noventa milhas dessa universidade, por obediência a um plano de viagem que é preciso cumprir, não a poderei ver: continuarei a guardá-la na imaginação, com suas árvores, seu ensino ao ar livre, sua preocupação de dar aos estudantes uma correta formação interior, e meios de exprimi-la. Shantiniketan continuará a ser um lugar lírico, com música, dança, poesia, festas populares, tecelagem, pintura, – ciência, filosofia, num ambiente bucólico, com as aldeias em redor, as cestas de frutas, os jarros de leite, – a vida antiga enriquecendo

²⁷ Em sua passagem pelo Rio, Tagore foi homenageado por alguns intelectuais brasileiros em almoço no Rio de Janeiro. Curiosamente, numa carta escrita à escritora argentina Victoria Ocampo, o secretário de Tagore, Leonard Elmhirst, menciona que, na viagem de retorno à Europa, Tagore recebeu uma mensagem de “Rosalina, famosa poetisa brasileira”. Trata-se, provavelmente, de Rosalina Coelho Lisboa (1900-1975), jornalista, diplomata e escritora. É possível que ela tenha participado do almoço acima referido. DYSON. *In Your Blossoming Flower-Garden: Rabindranath Tagore and Victoria Ocampo*, p. 201.

²⁸ MEIRELES. *Tagore and Brazil*, p. 335.

a atual, e a vida atual enriquecendo a antiga... Não verei Shantiniketan. Assim é o nosso destino: recebemos o que jamais esperamos; não conseguimos o que às vezes pretendemos.²⁹

O envolvimento pessoal da poeta na divulgação das idéias de Tagore está estampado nas inúmeras traduções que fez das obras do poeta laureado. Sabemos de seus estudos de bengali, frequentemente citados nas crônicas da viagem à Índia, embora seja pouco provável que as traduções tenham sido efetivamente realizadas a partir dos originais bengalis. Dentre as traduções realizadas, incluem-se *Sete poemas de "Puravi"*, os contos "Mashi" e "Raja e Rani", o romance *Caturanga*, e a peça de teatro *O carteiro do rei (Dakghar)*. Sua versão para o português de *O carteiro do rei* foi encenada no Rio de Janeiro em 1949 com o apoio de Krishna Kripalani (1907-1992) e sua mulher, Nandita Kripalani, neta de Tagore. Fato pitoresco da amizade que desenvolveu com os Kripalanis foi o encantamento destes últimos com o conhecimento e o interesse da poeta pelas composições musicais de Tagore, conhecidas na Índia como *Rabindra Sangit*. Um eco dessas composições é o poema ceciliano "Praia do fim do mundo,"³⁰ que reproduz parcialmente o verso tagoreano "Na praia dos mundos sem fim..." incluso no poema "Na praia" ("On the Seashore").³¹

O conhecimento profundo e pluridimensional que legitima e dá sustentação à relação dialógica de Cecília Meireles com a obra, a vida e a matriz civilizatória de Rabindranath Tagore está registrado, de forma exuberante, nos comentários que teceu, de forma sucinta, na crônica intitulada "Gurudev," sobre a essencialidade poética de toda a expressão literária de Rabindranath Tagore. Trata-se, em minha opinião, de evento raríssimo dentre os contemporâneos não indianos do poeta e que revela uma abertura extraordinária a outros horizontes estéticos que se impõem, de forma imperativa, como condição *sine qua non* para uma real apreciação artística. Ao descrever, com a sensibilidade que só os parceiros de destino possuem, os meandros da proposta estética de Tagore, Cecília revela uma consciência surpreendente com relação às implicações específicas que estruturam e potencializam teleologicamente a fruição estética do "universal" enquanto purificação ritual das emoções cotidianas. Em outras palavras, numa sintonia surpreendente com a herança sânscrita do poeta bengali, Cecília se afez, acuidadamente, à teleologia da *rasa*:

O seu teatro [de Tagore], não é fácil de definir: o gosto ocidental reclamará, no texto, os conflitos a que está acostumado. O texto tagoreano é muito depurado, quase puramente lírico, sem a movimentação dos diálogos ocidentais. Como que se em lugar de conflitos houvesse apenas aspirações, inquietações e cada personagem se desenvolvesse numa atitude isolada – como coreograficamente, e num mundo de outras dimensões, de outros dramas – diante de um acontecimento, um mistério, uma revelação que ardentemente se espera, se contempla ou se recebe. Essa obra teatral, literariamente, pode ser considerada

²⁹ MEIRELES. *Transparência de Calcutá*, p. 211.

³⁰ MEIRELES. *Praia do fim do mundo*, p. 1041. Originalmente publicado na coletânea *Poemas Escritos na Índia*.

³¹ TAGORE. *On the Seashore*, p. 3. Originalmente incluído na coletânea intitulada *Lua Nova (Crescent Moon)*, traduzida para o inglês pelo próprio Tagore.

uma série de poemas dramáticos, muitas vezes enriquecidos com música, dança, canto, coros, também de Tagore.”³²

Não resisto, no declinar deste ensaio, a transcrever o poema que Cecília dedicou ao poeta bengali, intitulado “Cançãozinha para Tagore” que representa uma síntese poética e eloqüente do sentimento de fraternidade universal (*tanmayī-bhāvanā*):

Àquele lado do tempo
onde abre a rosa da aurora,
chegaremos de mãos dadas,
cantando canções de roda
com palavras encantadas.

(...)

Chegaremos de mãos dadas,
Tagore, ao divino mundo
Em que o amor eterno mora
E onde a alma é o sonho profundo
Da rosa dentro da aurora.

Chegaremos de mãos dadas
cantando canções de roda.
E então nossa vida toda
será das coisas amadas.”³³



ABSTRACT

The article analyses the civilizational barriers that limited the understanding of Rabindranath Tagore’s work in Latin America. At first, the article assesses the impact of Tagore’s trip to Latin America in 1924 and the Latin American personalities that echoed in their lives and work, the Bengali poet’s mystical lyricism and socio-political-educational universalism. Secondly, the article focuses on some of the principles that should govern the correct understanding of his work and the unique case of Brazilian poet Cecilia Meireles as an example of fulfillment of those principles in her indirect dialogue with the Nobel laureate poet from India.

KEYWORDS

Cecília Meireles, Tagore, *rasa*, bengali.

³² MEIRELES. Gurudev, p. 14.

³³ MEIRELES. Cançãozinha para Tagore, p. 1023-1024. Originalmente publicado na coletânea *Poemas escritos na Índia*.

REFERÊNCIAS

- ABHINAVAGUPTA. *Dhvanyāloka-Locana*. Benares: Kashi Sanskrit Series, 1940.
- BHATTACHARYA, Jogesh C. Tagore's Conception of Literature. Disponível em: <yabaluri.org/TRIVENI/CDWEB/tagoresconceptionofliteraturejul85.htm>. Acesso em: 27 fev. 2012.
- CHANDA, R. Tagore in South America: Some Perspectives. Disponível em: <www.cs.brockport.edu/~smitra/chanda.html>. Acesso em: 27 fev. 2012.
- CHACON, A. The Forgotten Stone: On Rabindranath Tagore and Latin America. Disponível em: <www.parabaas.com/SHEET3/LEKHA16/forgotten.html>. Acesso em: 27 fev. 2012.
- COLLINS, Michael. History and the Post-Colonial: Rabindranath Tagore's Reception in London, 1912-1913. *International Journal of the Humanities*, v. 4, n. 9, p. 71-83, 2007.
- DYSON, Ketaki K. *In Your Blossoming Flower-Garden: Rabindranath Tagore and Victoria Ocampo*. New Delhi: Sahitya Akademi, 1988.
- DYSON, Ketaki K. On the Trail of Rabindranath Tagore and Victoria Ocampo. Disponível em: <www.parabaas.com/rabindranath/articles/pKetaki1.html>. Acesso em: 27 fev. 2012.
- KRIPALANI, Krishna. Across the Oceans. *The Visva-Bharati Quarterly*, Shantiniketan, p. 294, Feb-April, 1949.
- MARSH, Christine. The Village and the World: A Political Reading of Rabindranath Tagore's Prose Fiction. Disponível em: <www.des4rev.org.uk/061012TagoreVillageandWorld.doc>. Acesso em: 27 fev. 2012.
- MEIRELES, Cecília. *O que se diz e o que se entende*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- MEIRELES, Cecília. Elegia sobre a morte de Gandhi. In: _____. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 1608-1611.
- MEIRELES, Cecília. O diviníssimo poeta. *Para todos*, Rio de Janeiro, n. 262, p.49, dezembro 1923.
- MEIRELES, Cecília. Tagore and Brazil. In: *Rabindranath Tagore: a century volume*. New Delhi: Sahitya Akademi, 1961.
- MEIRELES, Cecília. Uma universidade oriental. In: _____. *Rabindranath Tagore: uma homenagem*. Rio de Janeiro: Embaixada da Índia, 1961. s.p.
- MEIRELES, Cecília. Rabindranath, pequeno estudante. In: _____. *O que se diz e o que se entende*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 84-86.
- MEIRELES, Cecília. Professores e alunos. *A Manhã*. Rio de Janeiro, 2 ago. 1941. s.p.
- MEIRELES, Cecília. Gurudev. In: _____. *O que se diz e o que se entende*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 14.
- MEIRELES, Cecília. Transparência de Calcutá. In: _____. *Crônicas de Viagem-3*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 211-213.

- MEIRELES, Cecília. Praia do fim do mundo. In: _____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 1041-1042.
- MEIRELES, Cecília. Cançãozinha para Tagore. In: _____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 1023-1024.
- OCAMPO, Victoria. *Tagore em las barrancas de San Isidro*. Buenos Aires: Editorial Sur, 1961.
- PANDIT, Lalita. The Psychology and Aesthetics of Love; *śṛṅgāra*, *bhāvanā*, and *rasa-dhvani* in the Novel *Gora*. In: HOGAN, Patrick; PANDIT, Lalita (Ed.). *Rabindranath Tagore: Universality and Tradition*. Madison, NJ: Fairleigh Dickinson University Press, 2003. p. 141-174.
- PAZ, Octavio. *El signo y el garabato*. Barcelona: Seix Barral, 1991.
- PAZ, Octavio. *Vislumbres de la Índia*. Barcelona: Seix Barral, 2006.
- PRABHU, R. K.; KALEKAR, Ravindra (Org.). *Truth Called Them Differently: Tagore-Gandhi Controversy*. Ahmedabad: Navajivan Publishing House, [1961].
- PRIETO, J.; MOLACHINO, J. *Borges ante El Espejo*. Mexico: Lectorum, 2005.
- TAGORE. On the Seashore. In: _____. *Crescent Moon*. New York: Macmillan Company, 1914. p. 3-4.
- TAGORE, Rabindranath. *Shesh Lekha: The Last Poems of Rabindranath Tagore*. New Delhi: Rupa, 2002.
- TAGORE, Rabindranath. *Purabi: The East in Its Feminine Gender*. New Delhi: Seagull Books, 2008.